CRRN - FALINTIL

TL3530

Gabinete
FI
Rua C
1000 LI
Telef:
— Tele

P/A DFSE

Prezado amigo António Cadavez

Os cumprimentos de toda a resistência.

Perdoe-me o tratamento mas creia que o faço com toda a sinceridade, já que neste criminoso bloqueio imposto pelo ocupante, a mais pequena manifestação de simpatia pela nossa Luta é acolhida com o carinho que só as pessoas interessadas e preocupadas com a situação do nosso Povo podem entender e estou certo de que o prezado amigo António Cadavez aceitará a nossa amizade, tanto mais que a sua postura com relação ao caso de Timor-Leste constitui já um elo de aproximação e tanto mais que acompanha de perto a difícil resistência maubere.

Pudemos ler alguns artigos seus, inclusivè a entrevista concedida ao mui querido Monsenhor Martinho Lopes, na "Vida Nueva", mas o que me levou a escrever-lhe é o facto de ter entre as mãos as fotocópias de duas cartas: uma, do administrador apostólico, Pe. Filipe Belo, de 25 de Agosto de 1987, com o n.o 1018/UDD/87, dirigida a si e outra, a sua, de 15 de Setembro do mesmo ano, em resposta àquela. Não teria sido de um interesse para aí além, se essa troca de correspondência não tivesse partido de um indivíduo com certa responsabilidade moral (e porque não dizer?... política) num conflito que vem dizimando o Povo de Timor-Leste.

É justamente a posição pró-integracionista do realmente e demasiado 'jovem administrador apostólico de Dili' que me obriga a escrever-lhe, a fim de que, aí fora, possuam uma melhor ideia quanto à domesticação exercida sobre ele e a fim de que as suas eventuais declarações possam ser devidamente consideradas no quadro de agentes a soldo de Jakarta e enviados da política oculta do Vaticano.

- O Pe, Filipe Belo teve, contra todas as expectativas, uma (aliás fugaz) actuação (mas) que nos surpreendeu também, logo após ter sido designado administrador apostólico; porém, como todos sabem, foi logo a seguir alvo de pressão por parte de Jakarta e, julgamos não estar em erro, inclusivamente por parte do núncio, na altura mons. Pablo Puente (amigo pessoal do Beni Murdani e que, em Maio de 1983 e em Baukau, entre os vapores da cerveja que ingeria desmedidamente, 'assegurou' à delegação da resistência, enviada por mim e que lhe entregara uma carta pessoal solicitando para que reconsiderasse a expulsão do mui querido Mons. Martinho Lopes, que o Pe. Filipe Belo - que era o intérprete - "continuaria a acção desenvolvida" pelo seu antecessor).

- Passado que foi o período inicial de explosão, o jovem administrador apostólico já não estava capaz de se firmar em algo objectivo e de actuar com a ponderação necessária e... com a consciência de que estava realmente defendendo uma causa justa e, em 1985, o P. Filipe Belo foi sendo dominado por um desânimo moral e por uma impotência política, perante a capacidade militar do inimigo que, por sua vez, lhe ia asfixiando a mente com uma súbita e inesperada obsessão 'anti-Fretilin comunista' que o levou, no domingo seguinte ao encerramento da reunião ministerial do MNA, em Luanda,

a tomar uma atitude de desnecessário e inadequado dramatismo que ultrapassou o bom senso que um chefe de uma igreja deveria reflectir... em termos políticos e em termos de apreciação de uma situação, não uma situação qualquer mas uma situação de guerra injusta, sejam quais forem os móbeis para justificar a brutal agressão e a criminosa ocupação militar de Timor-Leste.

O caso foi que havia um companheiro que ele abrigara no paço episcopal e que acompanhava a BBC, assim como outras emissoras, e lhe transmitia sempre que se fizesse alguma referência sobre Timor-Leste. O jovem administrador apostólico havia muito que esperava por uma rápida solução do problema sem ter que sofrer muito e estava também sendo influenciado pelo mito do 'facto consumado' e amedrontado ainda por "tantas invasões, de transmigrantes e de batalhões, que estão sempre a vir" (palavras textuais dele); quando ouviu o tal companheiro 'informar-lhe' (de forma a poder concluir definitivamente acerca das suas já cambaleantes atitudes) que 'o governo de Luanda se preparava para intervir militarmente em Timor-Leste', numa reacção impensadíssima o jovem administrador apostólico proferiu, no domingo seguinte, em Motael, uma homilia totalmente desconexada com os acontecimentos e deslocada no contexto temporal e político da nossa guerra, fazendo um dramático apelo aos cristãos para 'cerrarem fileiras com os irmãos (dele) indonésios e prepararem-se para verter sangue e combater os comunistas que viriam em breve invadir Timor com o objectivo de negarem a religião, ultrajarem os padres, profanarem as igrejas e partirem as estátuas', etc, etc. ... só sabemos que tal incitamento anti-patriótico se, por um lado, lhe garantiu total confiança dos seus colegas militares indonésios ("colegas indonésios", são também palavras dele), permitindo a esses mesmos colegas fotografarem-se com ele em festanças, a fim de colorirem os panfletos (*)... pedindo a nossa rendição... porque, veja Amigo Cadavez, as "relações com a Igreja são muito boas" - dizia-se nos panfletos, por outro, chocou verdadeiramente a todos os timorenses que sairam da igreja tristes, decepcionados e ofendidos na sua alma maubere por tão grande cobardia - segundo a própria expressão popular que o classifica de " ta'uk-ten boot ida", expressão que aliás utilizo frequentemente em mensagens dirigidas ao nosso Povo, que sempre compreendeu a implícita referência -; como dizia, tal assombração anti-patriótica só obteve, por parte de toda a população de Dili, que ràpidamente ficou a saber do caso, uma reacção legitima de profunda indignação. Até à presente data, o jovem administrador apostólico (rapidamente engordado com o super-mi indonésio **) veio actuando com o expontaneísmo resultante da inversão de atitudes, conceitos e opções (***).

- Todo o ardor patriótico imputado ao Pe. Filipe Belo (e que algumas vezes vem alegado nos jornais), é apenas produto de transitórios estados de espírito e resultado directo e imediato de reacções momentâneas ao facto de se sentir ele mesmo molestado com a desconsideração demonstrada pelas suas colegas forças ocupacionistas e com o pouco reconhecimento das suas colegas autoridades ocupacionistas indonésias pelo papel integrante e integrador que ele vem desempenhando a favor da política de anexação. Sòmente a personalidade ferida de um jovem "uskup" pode permitir o descontrole de exteriorizações 'agressivas' que, às vezes, desgostam aos seus colegas indonésios mas, no fundo, eles... até dão-se bem e se compreendem... sob a pro

Gabinete de Informação de FRETILIN - CIP
Rua Caetano Alberto, 19
1000 LISBOA — PORTUGAL
Telef: — 89 76 00
Telex: 64163 FABIO P

Gabinete de Informação da
FRETILIN - CIF
Rua Caetano Alberto, 19
1000 LISBOA — PORTUGAL
Telef.

tecção, agora, do mons. Francesco Canalini e sob a benção do Vaticano. Só o orgulhosinho ferido do jovem "uskup" pode também concitá-lo a escrever aquela carta, reveladora sòmente de um espírito mole e fugidio às dificuldades e responsabilidades e uma consciência já vazia de vontade própria, uma consciência já entorpecida, que se verga fàcilmente aos "selamat pesta" e, sobretudo, às prendas e as avultadas verbas... com sabor a "untuk roko" (suborno) político.

- Defrontando-se com a espontânea reacção da população (repetidas vezes, como por exemplo, no complô em que ele se engajou para a expulsão do Rev. Padre Felgueiras, quando até 'integracionistas' participaram em petições exigindo-lhe para reconsiderar aquele fervor pró-indonésio - (****), e no caso de Dare/antigo Seminário, foi simplesmente ultrapassado pela genuína acção de crentes e não-crentes, que se armaram de azagaias prontos a vender a vida pela defesa da estátua de Nossa Senhora, na gruta de corais), reacção motivada pelo pérfido acto das forças ocupacionistas que partiam as estátuas com o objectivo de, em primeiro lugar, incriminar a Fretilin e, em segundo, lançar uma acção de descrédito contra a fé, o jovem administrador apostólico fez outra "audaciosa" homilia em Motaïl... mas já não convenceu ninguém... à saída, a população comentava assim, entre abanos de cabeça e risos de compaixão: "Imi ba fiar fali... ita hotu hatene katak, asu sira be hatenu barak ne, la tata..."!

Os fiéis nem se comoveram quando lançou o repto aos (expressão dele, na dita homilia) "bapak2 sira no ibu2 intel sira, bapak2 no ibu2 'Tdua' no 'teh manis' nian" para gravarem as suas palavras (*****), pois que em Dili todos o conhecem bem, desde os seus ousados pronunciamentos de 1983/84 às sorridentes vénias que vem fazendo aos assassinos oficiais indonésios e desde que começou, em reiteradas ocasiões, a proceder contràriamente às aspirações patrióticas de uma resistência popular generalizada e os fieis, a despeito de o respeitarem (como também o fazem em relação ao Mário Carrascalão - o administrador político), apenas na qualidade de chefe da Igreja de Timor-Leste, sabiam também que mui cedo lhe passaria o amuo que o 'autorizara' a impedir que padres fossem à escola da Pancasila (e nós também sabemos que não será muito tarde, ele próprio convencerá o clero a participar ... será para o "bem da Igreja"?... na reciclagem periódica de mentalização indonésia, a que também se dão valores aos padres pelo aproveitamento obtido no 'curso' - facto que só nos envergonha ao pensarmos que os anos todos passados no Seminário não são suficientes para se definir aos padres, com a correcção indonésia, um padrão de moral e uma visão sobre os problemas sócio-políticos, vividos no mundo de hoje (*6)...

Em Timor-Leste, a política integracionista do jovem administrador apostólico só tem o 'aval' dos seguintes Pes.: José António (que deve estar a fazer propaganda indonésia aí fora *7), Áureo Gusmão, Monteiro (indiano sem pátria que se tornou indonésio em Timor-Leste) e, entre eles, o Pe. Locateli desempenha o papel de conselheiro político, actuando como intermediário (com dupla missão - dele e dos indonésios) e intérprete fiel da 'posição oficial' quanto à irreversibilidade da anexação, da Igreja de

Gabinete de Informação da FRETILIN - GIF
Rua Cidade Alberoa
1000 Lisboa
Telef.

Timor-Leste (ou melhor, para se clarificarem as coisas, a verdadeira posição do jovem administrador apostólico), assim como da posição do seu compatriota italiano em Jakarta e a posição (subreptícia) do Vaticano.

- Instigado por ele desde 1984 e embora eu conhecesse já o "Plano PUENTE" - de evacuação dos guerrilheiros - que inspirou o jovem administrador apostólico, anuí a um encontro e que se realizou na noite do 25 de Abril de 1986, no Colégio de Fatumaka, com a presença do Pe. José António. Como lhe solicitara prèviamente as questões que ele desejava abordar comigo, conhecia antecipadamente a "missão de pacificação" de que se incumbira, de forma que fui mais para ouvir do que para discutir algo de concreto.

O jovem administrador apostólico não fez mais que pisar o falso terreno do aliciamento, de que estávamos saturadíssimos, e demonstrou saber a lição de cor... O Pe. José António, de certeza, informaria depois à Intel indonésia que o seu jovem parceiro cumpriu integralmente o papel que Vaticano lhe entregara e a matéria que as autoridades ocupacionistas lhe ensinaram: - não entrar abruptamente a pedir a rendição e afirmar mesmo que o que não desejam é a nossa rendição, porque eles não querem pensar numa rendição da guerrilha; - tecer longas e exaustivas considerações sobre 'problemas' de diversa ordem, 'dificuldades' de todo o tamanho e as mais amplas perspectivas que se abririam ... se rendêssemos..., dando ênfase especial à questão de a Luta Maubere não ter nenhum apoio (*8); - procurar, a partir daí, cobrar os resultados da dissertação, orientando-se a convencer-nos a considerar que as nossas vidas estavam dependentes 'apenas' da nossa decisão e... "para já, para já" (dele) era preciso "salvar o que ainda se pudesse salvar" (também dele), tendo em conta a realidade de que "nada podemos fazer contra tantas invasões" (ainda dele); - borrifar-nos com a impressão de que também eles aspiram à independência para acometer logo em seguida com o habitual "mas eles não aceitam" (dele), a fim de minar-nos o moral; - por último, rematar com observações tendenciosamente elogiosas para nos cativar buscando ler um sinal de fraqueza, por onde evidentemente investiriam com os últimos cartuchos a desfechar-nos algum golpe de misericórdia. Em resumo, não nos deveríamos envergonhar por capitularmos, porque eles compreendem bem que a Fretilin sem nenhum apoio e lutando contra um poderoso ocupante, que não deseja ceder, teve que depôr as armas ... esperando por um futuro melhor, já que "o futuro pertence à história e a história depois nos provará" (dele)... mas, "para já, para já", conseguiríamos salvar a vida. (*9)

Imediatamente me apercebi de que o jovem administrador apostólico se preparara convenientemente na escola da "Pancas...intel", porque foi sob os mesmíssimos tópicos que o barrigudo (todos os integracionistas - e isto é uma verdadeira epidemia do vertiginoso desenvolvimento - todos os bem apetrechados integracionistas devem estar apostados em se recuperarem o melhor possível das "consequências da colonização portuguesa"), voltando atrás, os mesmíssimosm tópicos que o barrigudo administrador político, Mário Carrascalão, nos brindara no período do cessar-fogo (*10).

- Alimentando todavia a confiança de que o jovem administrador apostólico era sincero quando me afirmava numa das suas cartas que a Igre-

Gabinete de Informação
FRETILIN - OLP
Rua Cuciano Libério
1.600 LISBOA
Telef.

ja não fazia "política no sentido exacto do termo" e porque nos estava convencendo de que vinha em "missão de paz, porque a Igreja deseja a Paz", acedi à ideia que ele apresentou (e que eu também levava) de vir ao mato para baptizar, crismar e casar o seu "rebanho" e, salientou, eles estavam apenas pendentes da nossa concordância ou não. Ludibriado pelo jovem administrador apostólico, tempos depois (enquanto em todos os agrupamentos se preparava a doutrinação dos guerrilheiros e população), apresentei-lhe um vasto programa que cobriria, por cada vez, todos os agrupamentos guerrilheiros de Tutuala a Fronteira, com a indicação exacta de vários locais escolhidos que lhe permitiriam fazer o percurso de carro até nós, locais esses que facilitariam, por outro lado, o rápido ajuntamento (e dispersão) da população da resistência. Ao responder-nos à carta, já o jovem administrador apostólico se escudou repentinamente com intensos programas de retiro e, sobretudo, com a devida autorização do núncio e da Santa Sé (condição não mencionada no encontro, em que se fazia depreender que não haveria da parte dele nenhuma inconveniência e no qual se presumia também que qualquer impedimento seria apenas produzido por nós), aparentando também uma 'grande preocupação' pela possibilidade de o ocupante vir a saber, porque ele "desejava vir sem" os seus colegas indonésios e pelas consequências que daí resultariam se eles viessem e ficassem a "conhecer" as nossas "bases estratégicas" ... quando precisamente os locais indicados estavam pegados às roças ou muito próximos dos campos de concentração. O jovem administrador apostólico (*11) estava apenas a revelar o móbil intencionado da sua proposta pois, afinal das contas, estava a trabalhar para o ocupante; situações ulteriores vieram a demonstrar-nos que o inimigo ficou a saber da direcção dos pontos de refúgio da população do mato, tendo assim incidido toda a sua atenção no ataque à população indefesa nestas bases localizadas, em todo o resto do ano de 1986, o que lhe permitiu dizimar a população e capturar quase uma centena de velhos, doentes, inválidos, mulheres e crianças, tendo assim podido vir depois fazer a propaganda de "rendição de mais de uma centena de guerrilheiros". Num gesto cínico, que não esperávamos, o jovem administrador apostólico foi "visitar" as mulheres e crianças, presas em Baukau, a quem perguntou se lhes "faltava alguma coisa". Ao silêncio das mulheres (*12), que todas as noites eram violadas pelos colegas dele, comentou: "agora, não vos falta nada,... recebeis agasalho e comida"!

Ainda que este inacreditável acto de insídia nos tivesse ofendido enormemente, sempre desejávamos convencer-nos do contrário, até que acontecimentos posteriores viessem ou corrigir-nos o pensamento ou confirmá-lo. Na nossa guerra, aprendemos a apreciar com melhor objectividade as situações e, pela eliminação de meras especulações que levam necessàriamente a conclusões apressadas e desonestas, restringir-nos aos factos e às suas causas. Na nossa guerra também, a paciência tornou-se um princípio moral aplicável e aplicado, tanto fortalecendo, no plano mais vasto, a nossa determinação como, em circunstâncias concretas, a persistência e a espera têm sido as duas faces de um importante factor nos nossos sucessos, seja no que se refere a perseguir determinadas tarefas e objectivos da Luta seja no campo estritamente militar, nas nossas actuações sobre o inimigo, em ataques de carácter decisivo ou para buscar a recuperação do material ou para alte-

rar uma situação imposta pelo adversário.

E foi assim que, em Janeiro deste ano, se comprovou efectivamente os 'serviços' do jovem administrador apostólico, que nos convidara, através do Pe. Locateli, para um novo encontro no Colégio a fim de se "resolver a guerra"! Mas também aprendemos, nestes doze anos, que imbecil é aquele que cai, à segunda, em ciladas do inimigo e nem sequer respondemos ao 'estratégico convite', pela simples razão de que não seria com o Pe. Filipe Belo que se resolveria o conflito; e havia outros motivos; um, era que sabíamos de antemão que ele era apenas portador das ameaças do mons. Canalini e intérprete da posição do Vaticano... talvez para apressar a situação que facilitaria um pronunciamento ecuménico do Santo Padre em Jakarta quanto à anexação do território - um jogo sujo que deploramos; e outro, porque, assim como, em obediência às ordens dos seus colegas da Intel, expulsou dois refugiados do paço episcopal, para permitir que os seus colegas "nanggalas" lhes deitassem a luva do crime legalizado e... santificado... e assim como colaborou com o inimigo na exterminação do seu próprio rebanho (pelo qual manifestara 'tanta preocupação" durante o encontro), podia-se pensar que o jovem administrador apostólico e o Pe. Locateli (com larga folha de serviços de aliciamento desde 1979), podia-se pensar que os dois senhores alimentassem o bendito sonho de se tornarem em "os maiores heróis da Indonésia" (*13).

As nossas suspeitas provaram-se que não eram infundadas e a organização estudantil de Fatumaka informou-nos que o Colégio fora cercado, durante toda a noite, por uma companhia de nanggalas... esperando que eu entrasse a falar com o jovem "uskup", a fim de me apanharem vivo ou me eliminarem. Só Deus sabe se não estava algum major nanggala (orientador militar do Pe. Locateli nos aliciamentos) no quarto contíguo à sala onde decorreria o "encontro"... que resolveria a guerra'!

- Se o amigo Cadavez teve a oportunidade de ler a mensagem de 20 de Maio de 1986, dirigida aos estudantes timores na Indonésia e no País, só lhe posso dizer que ela teve como base o aliciamento do jovem administrador apostólico, sendo uma réplica à ilusão de uma integração, que ele baptizou de "autonomia especial" e que pretendia oferecer, em nome do Vaticano, não ao Povo Maubere, mas à resistência armada...; no fim da mesma, eu sugeri o contrário e... só quem sabia (como o clero, por exemplo) do encontro e seus objectivos, sabia realmente que a mensagem era a firme resposta do Povo Maubere a um jovem colaboracionista do ocupante e podia saber que estávamos a par de determinadas situações relacionadas a ele; na altura, não nos era (ainda) conveniente desmascará-lo porque nos chamariam, sem apelo nem agravo de comunistas!

Esta é a imagem, superficial, do Pe. Filipe Belo, uma personalidade maleável e susceptível a manipulações dos que utilizam a força como razão e praticam, ante os seus olhos, o crime como justiça, uma personalidade capaz de negar as suas próprias palavras, um espírito medroso que receia as simples ameaças e se presta ao jogo sujo dos ocupantes! As fotocópias que me permitiram escrever-lhe, amigo Cadavez, passaram pelas mãos da Intel -

Gabinete de Informação
FRETILIN - UDT
Caetano Alberto, 19
PORTUGAL
Rua LISBOA — 89 76 00
1000 LISBOA
Telex: Cable:

cujos agentes se infiltraram numa das redes de escoamento de informações para o exterior) - e tenho a certeza de que o jovem administrador apostólico, embora embaraçado por possuir vias próprias com o exterior (*14), ou já negou ter sido ele o autor da carta em que classificou tão desastradamente a presença dos seus colegas de "invasão e ocupação dos indonésios" ou, em troca de mais umas verbas, já denunciou os elementos que ele utilizara parmitindo à Intel indonésia destruir uma via ou, se ainda o não fez, controlá-la a fim de conhecer as suas ramificações até Jakarta. Do jovem administrador apostólico (que, segundo ouvimos, recusou-se a trazer o Rev. Padre Felgueiras que estaria impedido de vir, em Jakarta), tudo pode acontecer já que é uma personalidade frágil que se intimida à mínima pressão dos seus colegas!

- Quando lemos, na carta dele, que "a solução política de Timor ... depende ... únicamente do Povo de Timor, de nós os timorenses que estamos a sofrer...", sentimos ferver o sangue de repúdio ao constatarmos que há sempre quem goste de utilizar o termo '<u>sofrer</u>', quando nenhuma reflexão lhe falta engordando rápidamente, num descarado insulto ao nosso Povo, à miséria do nosso Povo; que há sempre quem goste de falar de sofrimento quando, por medo de sofrer, se apressam a renegar a sua própria dignidade e se vendem às rupias indonésias e quando, por medo de sofrer, se prestam a negar as suas próprias palavras e preferem fazer todas as vontades dos seus assassinos patrões; e ao repararmos que há realmente quem goste de se incluir no sofrimento do Povo Maubere quando, por medo de sofrer e em troca do seu bem-estar e em troca de umas j!!jutas" para a construção de igrejas e seminários, aceitam como acto de justiça a repressão sobre o nosso Povo e condenam a identidade do nosso Povo a um genocídio físico e cultural, difícil depois de redemir!

E, para cúmulo da insensatez, o jovem administrador apostólico pretendeu ser a pessoa avaliada para julgar os jesuítas portugueses... "que nem se deram ao trabalho de aprender o Tétum" (creio que era a fantástica ideia do Pe. Filipe Belo...) para ensinarem melhor no seminário! E justamente nos alicia para uma "autonomia especial"em que falaríamos livremente o português para <u>salvar</u> a "identidade cultural"! E justamente confessa o Pe. Filipe Belo que "nós ali dentro também estamos absorvidos"!!! São estes os resultados da domesticação, amigo Cadavez e, quando já não se possue nada de pessoal, existe sempre a impertinência de inculpar os antigos donos! Inconsequências que, julgo, dão valor ao ditado: cegueira mesma é daquele que tem olhos e não sabe ver! Não sabe ver... ou pelo menos que ouvisse, porque até orações e cânticos religiosos já são em indonésio!!!!!!

- O jovem administrador apostólico não se dá conte de que o "bahasa" (como o nosso Povo se refere à língua dos ocupantes) por ser de facílima assimilação - o tétum puro é até mais difícil -, já que o indonésio tem as características das línguas pouco desenvolvidas ou menos desenvolvidas, aliado ainda ao facto de a imposição das autoridades ocupacionistas quanto ao uso do "bahasa", o nosso Povo foi obrigado a utilizar no seu dia-a-dia e principalmente no contacto com os assassinos, o bahasa indonésio, relegando simplesmente termos próprios que obviamente nem o criminoso TNI

Gabinete de Informação
FRETILIN - Dili
Rua Cuculano Alberto da Silva
1000 Lisboa — PORTUGAL
Telef. 6586...

nem outros assassinos espalhados em cada campo de concentração desejam ouvir e, para muitos, falar o "bahasa" torna-se como que uma necessidade pois lhe permite ganhar relativa confiança dos carrascos ocupantes! Devo salientar que, embora os dialectos locais sejam todos de fácil assimilação, dando-se até casos de haver, entre dois ou três dialectos vizinhos, uma origem morfológica comum, com a particularidade também de que tudo o que se fala tem aplicação na vivência diária, nunca houve grande e pode-se mesmo afirmar que nunca houve o mínimo interesse, por parte dos diferentes grupos étnicos próximos, em aprender o dialecto vizinho.

Amigo Cadavez, na referida Mensagem de 20 de Maio de 1986, referi-me também àquelas pessoas que, por saberem umas palavras em "bahasa", já se consideram cidadãos indonésios... porque a mensagem reflectia, na totalidade, a situação concreta do encontro, fiz alusão ao jovem administrador apostólico que, no decorrer da conversa, já me estava decepcionando com a sua 'visão global' do problema de Timor-Leste e muito mais ainda quando rematou, a modos de despedida, com os incomodativos "iá,iá", que ouviamos e nos fartávamos no período do cessar-fogo de 1983.

Eu até nem quero abordar o grande problema de amanhã! Se formos a acreditar na fantasia das vertiginosas estatísticas do fantocho administrador político, temos que sòmente os velhos e os cegos não sabem ler nem escrever ... o "bahasa"; porém, mesmo não se lhe dando nenhum crédito como qualquer pessoa de bom senso não o fará, mais uns anos a língua indonésia irá eliminando a base dos dialectos locais... pela força da ocupação indonésia! E não é só este problema, porque eu penso que a cultura não se cinge à língua mas abarca todas as manifestações espirituais a artísticas! Hoje, o Povo Maubere é obrigado a obedecer, para não sofrer as consequências da perseguição, a tudo o que os ocupantes impõem; a população é forçada a receber o que o ocupante promove, como complemento 'necessário' do vertiginoso desenvolvimento! É esta a falta de visão mais profunda do problema de identidade cultural que permita, a todos quantos se sentem satisfeitos com os "untuk roko" da integração, abordar tão superficialmente as sagradas aspirações do Povo Maubere! A teoria do Vaticano que contesta o nacionalismo para promover a paz é a política que inspira a missão de pacificação, à responsabilidade do jovem administrador apostólico de Dili, e quando este afirma que "a solução política de Timor pertence unicamente ao Povo de Timor", ele não estava querendo dizer sobre conceder ao Povo Maubere uma oportunidade para decidir, de forma séria e perante a comunidade internacional, sobre o seu destino... porque, para os lacaios da integração, a escolha já foi feita por eles próprios... e quando se referiu ainda que pertence aos "timorenses que sofremos" (não sei porque o termo rofrer atrai-me quando me refiro a estes engordados integracionistas), o Pe. Filipe Belo sòmente queria dizer que eles aceitaram já a solução do Vaticano e que cabia a ele a missão de convencer a guerrilha para a rendição... Que fosse apenas isso e os aliciamentos do Pe. Locateli... nós nunca pensáramos antes, por uma vez que fosse, que os dois se envolvessem directamente para "acabar com a guerra" em Janeiro de 19888!

Temos acompanhado que, noutros quadrantes, a Igreja actua sob o

sentido do direito, da justiça e das responsabilidades; sòmente em Timor-Leste, temos a má sorte de verificar que, sob as ordens dos núncios que se repetem em Jakarta e com a benção do Vaticano, o chefe de uma igreja colabora com um criminoso agressor, em troca de umas prendas e de umas jutas para "preservar a identidade religiosa" de um Povo oprimido física e mentalmente! Se uma "identidade religiosa" pode ser comprada com o dinheiro de um governo muçulmano, em troca do genocídio de um Povo, o que podemos pensar da verdadeira verdade? Como católico, penso que é tudo, afinal, política das conveniências... e fico particularmente revoltado com tudo isto ... com nuncios que se embebedam para pregar a submissão ao crime e à opressão e com administradores apostólicos que se fascinam com as prendas do assassino ocupante e opressor do nosso Povo e nos dizem, a modos de conselho, que "Portugal é pobre e está demasiado longe"... quando o que queremos É

A INDEPENDÊNCIA PARA A NOSSA PÁTRIA

e

A LIBERDADE PARA O NOSSO POVO!

Gabinete de Informação da
FRETILIN - CIF
Rua Caetano Alberto, 19
1000 LISBOA — PORTUGAL
Telef: — 89 78 (X)
— Telex: 65463 FABC P —

PÁTRIA OU MORTE! - continua a ser o nosso grito de guerra, porque preferimos a exterminação a vender a DIGNIDADE DO POVO MAUBERE, por umas jutas e umas prendas, como fazem os colaboracionistas do criminoso ocupante e assassino do nosso POVO!

Amigo Cadavez, receba um abraço de todos os guerrilheiros, que lhe pedem para tornar pública esta carta a fim de desmascararmos um jovem colaboracionista do bárbaro ocupante indonésio!

Com sincera amizade,

TIMOR LESTE, aos 24 de Março de 1988.-

ANOTACOES:

(*) - Tenho muita pena de não poder enviar-lhe um exemplar dos milhares de panfletos que aviões e helicópteros lançaram no interior da nossa Pátria... e que os guerrilheiros aproveitavam para enrolar o seu tabaco ou para escrever algum bilhete a companheiros de outros agrupamentos.

(**) - Aliás, o jovem administrador apostólico já se acostumou a receber, em cada ocasião festiva, mais prendas indonésias que todos os chefes de serviço e governador portugueses recebiam dos comerciantes chineses em fins-de-ano. O Pe. Mateus Lopes da Cruz, aquando ainda era seu secretário, afirmava com consciência: "Estão-nos a comprar a alma!", intimamente revoltado com tanta 'atenção e carinho' indonésios...

(***) - Em questões internas da própria Diocese, é até o Pe. Áureo Gusmão quem desabafa, as vezes com furor: "Estamos a trabalhar com crianças... um dia decide-se uma coisa, no seguinte já se pensa de maneira diferente"!

(****) - Por duas ou três vezes, grupos de fiéis se dirigiram ao paço, acção que, embora o tivesse indomodado bastante, adiou ou conseguiu fazer adiar a expulsão, mas da qual ele se vingou, opondo-se tenazmente ao regresso do Rev. Padre Felgueiras.

- O Pe. Mateus foi o mesmo que se entregou às nossas Forças, num combate rea

Gabinete de Informação da FRETILIN - CIP
Rua Cardeal Alberto, 19
1000 LISBOA — PORTUGAL
— Telef: —
— Telex: —

lizado entre MANEHAT e SOIBADA, no dia 22 de Julho de 1986, tendo sido levado até ao Sub-Chefe do Estado-Maior das Falintil, Má Huno, com quem esteve a conversar, por largo tempo, após o que deu um enterro cristão a um guerrilheiro tombado naquela actuação.- Foi-lhe depois indicado o caminho e regressou a Soibada.-

(*5) - "Senhores e senhoras agentes da Intel, senhoras e senhoras dos T-2 (T-dua, é um tipo de ração de combate dos TNI, muito utilizado para a distribuição aos colaboracionistas) e dos "Teh manis" (chá, doce, açucarado e componente necessário do soldo."T-2 e teh-manis", expressam a ideia de pagamento e, pior ainda, quando se vendo a pátria por tão rico pagamento mas... a agentes de alta categoria, as prendas são muito mais volumosas... pois já são filas de carros quase que intermináveis... que assustaram o pobre Pe. Mateus!

(6) - Na mensagem de 20 de Maio de 1986, fiz alusão a esta política do Pe. Filipe Belo, quando me referi ao perigo de os católicos aprenderem a Pancasila e tornarem-se indonesianisados em pensamento e islamizados nas atitudes... embora as vertiginosas estatísticas (aqui, em Timor-Leste, a ocupação militar tornou tudo vertiginoso) "patentei-em" uma cifra de 50% de conversões...

(7) - Sempre que o Pe. Filipe Belo sai para o exterior, a população lamenta assim: "Lá vai o integracionista fazer a propaganda do Mochtar"!

(8) - "Percorri a Europa e não vi sinais de mínimo apoio à vossa Luta e nem sequer se fala lá do caso... a não ser um jornal editado pela Fretilin que se chama LIBERTAR..." -dizia-nos, para assustar, o viajado administrador apostolico!, como se não acompanhassemos o grande silêncio e a total indiferença dos órgãos de comunicação portugueses!

(9) - O mons. Canalini já foi mais longe: "diga a eles que é melhor virem render porque depois será demasiado tarde para as suas vidas!" - o tom categórico e ameaçador (um rebentamento por simpatia, aliás andam muito ligados ao Beni Murdani e, mesmo que o não fosse, no meio daquele aparato militar...) deve ser da previsão da grande ofensiva final para a nossa exterminação (- alguns sinais indicam esta possibilidade: voos intensos de preparação dos Bronkos e Hawk, grandes movimentos de manobra das forças terrestres, bombardeamento marítimo, instruções diárias de tiro e recrutamento forçado (forçado mesmo, porque chegam, apanham e levam) de homens fortes e, sobretudo, dos que foram TBOs.
Além disso, existe também esta estratégia do fantoche governo do Tim-Tim - todos os guerrilheiros capturados, só são 'assistidos' se se prestarem a incorporar-se nos naturais armados, cujas formações são utilizadas para a contra-guerrilha; sem ser assim, apenas à "assistência" inicial para "comprar os corações". Um caso aconteceu e que vou descrever: Um guerrilheiro de nome, Manuel, de 26 anos, filho de Vicente (Naua Lou), da povoação de Uá-Nama, do suco de Matahoi-Uato Lari, ferido numa combate, foi capturado, em Abril de 1987. Mandado para a casa, por se encontrar ferido, reparou que a família passava mal. Quando ficou curado, foi ter ao Mário Carrascalão apresentar-lhe o problema, lembrando todas aquelas propagandas de que "no mato, andávamus nús e cheios de fome ou esfomeados" e que "nas Vilas, os bapaks construiam casas para todos, a todos davam comer, roupa e dinheiro" e, nesse santido, é que ele ia ter com "o bapak gubernur" para lhe pedir assistência, enquanto não pudessem tirar nada das hortas. O "gubernur", sorrindo paternalisticamente, disse-lhe: "Sendo assim, vai para as forças... ali terás tudo o que quiseres... incorporado nas forças, dar-te-emos tudo o que pedires..." O "GPK rendido" - como costumam chamar aos guerrilheiros capturados, não aceitou e disse-lhe na cara: "Eu não me rendi, eu fui capturado porque estava ferido... e se eu vim pedir assistência, porque vocês prometeram e nos encheram os ouvidos com essas promessas!"; o bondoso "gubernur" enfureceu-se e berrou: Se não queres incorporar-te nas forças... vai-te embora... rua daqui!

(10) - Este valentão afirmou ao "tão rico" Nuno Rocha que foi sòzinho falar comigo... Em Lari-Gutu, uma companhia de Bat. 515 e um pelotão de nanggalas, do Grupo 2, e em Kaikoli/Venilale, 2 tenentes-coronéis, 2 majores e uma Companhia de nanggalas, todos irian-jaianos... real

mente era ir "sòzinho" demais! A condição que pusemos foi de ele ir sòzinho, isto é, sem o Purwanto, sem o major Zenni, do "staf operasi" e sem o major Wilian da Costa, da Intel... o primeiro tinha-nos escrito e enviado um documento, chamando-nos de "rebeldes indonésios" e ameaçando-nos com represálias, dando a entender a intenção de romper com o cessar-fogo. Isto ocorreu em Abril/83. Os dois outros oficiais estavam a proceder de forma desonesta, relativamente ao espírito do cessar-fogo e nos apercebíamos que, enquanto um tentava buscar dados para nos conhecer, o outro, estava tentando disseminar os comandantes, pelo que as suas presenças podiam provocar atitudes um tanto, vamos lá dizer, "incorrectas" da parte dos guerrilheiros (que já não suportavam) e forçar alguma situação descontrolável.

Com o desastrado coronel Purwanto, não desejava pessoalmente que a sua presença me levasse a perder a compostura, em primeiro lugar, porque já nos tinha ameaçado e, em segundo, as suas insistências para minar os sentimentos já se tornavam um tanto ou quanto inconvenientes...

Porque nos tinham ameaçado com um quase imediato rompimento do acordo de cessar-fogo (a que sempre estávamos preparados mas era-nos totalmente inconveniente, na medida em que, no exterior nada chegara ainda - todas as provas, desde cassetes a documentos e fotografias estavam ainda em nosso poder...), assentamos que iríamos pegar no Mário Carrascalão... como isca para os tubarões indonésios se entreterem a mordiscar, até que... o mundo soubesse dos acontecimentos e, enquanto íamos limando aqui e acolá todas as possíveis fricções, produzidas por eles ou pelos guerrilheiros... que já não suportavam as actuações propositadas de provocação, tais como, impedir que guerrilheiros retornassem ao mato, aliciamentos aos quadros principalmente militares, etc...

Foi com o objectivo de acalmar a tensão que já existia, a partir da recepção do documento de Purwanto, em Abril, que fui ao segundo encontro com o Mário Carrascalão, para ouvir ... apenas ... e fazê-lo perceber que estávamos ... hesitantes... a fim de que ele pudesse desempenhar bem o seu papel de <u>isca</u>, que lhe preparámos e que, antes dos tubarões indonesios, ele próprio engoliu com o sabor amargo ... de que não levaria nada!

Nunon Rocha, idòneamente, deveria ter ouvido também o Aleixo, DPR de Venilale, o Pe. Locateli, da missão de Fatumaka, para comprovar, de várias fontes, as afirmações do Mário Carrascalão; não o fez e o seu livro, que nos chegou também às mãos, só demonstrou um alto portuguesismo que admiramos e um mais alto amor à Indonésia, que também admiramos!

(12) - Uma delas, de nome Domingas, evadiu para o mato, em Dezembro daquele mesmo ano, por não suportar mais aquela situação - as suas declarações gravadas, já foram enviadas para a DFSE e não sabemos se já chegaram ou ainda não...

(11) - Porque lhe apresentei claramente a situação global da resistência, que anulava qualquer hipótese de uma total concentração (talvez fosse seu pensamento exterminar-nos com ataques aéreos), penso que ele bem sabia que, com tal atitude ele retiraria todo o nosso entusiamo, ainda mais que nos comprometeramos a enfrentar todas as dificuldades para assegurar o cumprimento integral do programa e ainda porque as dificuldades de comunicação entre as diversas regiões militares não permitiam a que nos adaptássemos a datas imprevistamente marcadas por ele. O programa permitia-lhe o contacto com todos os agrupamentos guerrilheiros e população do mato e não era cansativo (para não falarmos já do dever e da preocupação que soube demonstrar) ... chegava e regressava de carro e havia intervalos de de um mês ou mais entre duas visitas pastorais... para um relativo descanso, enfim... só Deus sabe das intenções de cada um!

(13) - Expressão muito utilizada pela Intel indonésia, quando se empenha a 'convencer' um patriota queimado a participar no desmentelamento de uma organização clandestina, ou pela denúncia dos outros elementos ou para assegurar a sua contínua "actuação" nessa mesma organização, a fim de permitir ao ocupante não só conhecer toda a engrenagem de segurança, movimentos, contactos e periodicidade dos trabalhos como um controle total das actividades e elementos... situação que já lhe permita o 'comando' dessas mesmas actividades. Tanto utiliza patriotas denunciados como os ex-prisioneiros e ex-desterrados seja para

Gabinete de Informação e D...
FRETILIN - CIF
Rua Caetano Alberto, 19
1000 LISBOA — PORTUGAL
Telef: — ...
Telex: ... Fretil P —

se (re)infiltrarem nas organizações que desconfiam estar a prosseguir as suas actividades seja para iniciar outras ou mesmo para procurar contactar com os guerrilheiros.

(14) - Em Fatumaka, sob as ordens dos seus colegas da Intel, afirmou-me que "as vias estão cada vez mais difíceis"... já que, de vez em quando eu aproveitava o canal dele para escoar documentos para o exterior... O que os factos têm vindo a demonstrar é que, quando o ocupante controla já um canal de escoamento para o exterior, em primeiro lugar começa a boicotar o funcionamento e controlar o material enviado por nós, razão porque muitos documentos se "perdem" pelo caminho, depois dá instruções ao indivíduo que detem o canal para nos ir informando que, "agora, as vias estão cada vez mais difíceis" para, à nossa insitência ou pedidos, despachar-nos com o "já não temos mais vias"... O jovem administrador apostólico não sabia que cada fio de cabelo branco que nos trazemos na cabeça é um revés que, ao longo destes anos, temos vindo a suportar...

Timor-Leste, aos 24 de Março de 1988.-

KAY RALA XANANA GUSMÃO
CMDT-EM-CHEFE DAS FALINTIL

Gabinete de Informações
FRETILIN - CIF
Rua Caetano Alberto, 19
1000 LISBOA — PORTUGAL
Telef: — 89 76 00
— Telex: 65463 FABC P —